



Vaso de barro

Deus é fiel e escreve certo por linhas tortas, que somos nós. Eis os milagres que Ele opera em nós e através de nós

Testemunho Cristiane

Meu nome é Cristiane, tenho 31 anos, sou do Espírito Santo.

Faço parte da Missão Belém, há 1 ano e 6 meses, mas antes disso eu tive uma vida bem sofrida e de muita decepção. Lembrar do passado é como rasgar o meu coração mais uma vez, mas estou feliz em fazê-lo se isso pode ajudar quem está começando a caminhada.

O que me lembro da minha infância é que meu pai, o meu grande amigo, era um homem trabalhador, que procurava dar o melhor para sua família. Minha mãe era espírita, quase não tinha tempo para nós. A comida era feita pela minha prima, porque devia cuidar dos seus "trabalhos" do centro. Desde cedo comecei a sentir uma grande falta da minha mãe e era por demais apegada ao meu pai.

De repente, meu pai começou a beber, chegava embriagado em casa. Minha mãe era muito brigona e não aceitava vê-lo daquela forma. Lembro de uma vez que ele chegou embriagado, minha mãe começou a discutir com ele, que não trazia dinheiro... e o empurrou com violência dentro do berço do meu irmãozinho, meu pai bateu a cabeça e perdeu consciência; ela se jogou em cima com uma faca tentando dar facadas. Meu irmão gritava para ela parar... Meu Deus como é difícil lembrar desse momento.

A magoa, em mim, crescia mais e mais, fiquei revoltada e comecei a dar muito trabalho... Era muito agressiva. Não sabendo o que fazer, minha mãe me levava para o trabalho com ela e, com 7 anos, eu devia carregar pesos enormes para as minhas forças: estudava e trabalhava, não entendia porque minha mãe fazia isso comigo. Praticamente não tive infância.

Graças a Deus, nesse tempo, meu pai parou um pouco de beber porque o médico o assustou. Nos finais de semana nos levava para as praias de Vitória que são lindas, mas o que ficou mais marcado foi o dia mais feliz da minha vida, quando todos juntos fomos para o "Convento da Penha" (Santuário de Nossa Senhora). Meu Deus: que dia, que nunca houve outro igual! Toda a família reunida, fizemos um pic-nic. Nunca experimentei tanta alegria no meu tempo de criança.

Infelizmente durou pouco porque o pai recomeçou a beber e as brigas aumentaram. O meu irmão mais velho passou a estudar à noite, com 13 anos e lá deu início ao mundo das drogas. Foi um choque! Fiquei sozinha porque meu pai se afundou de vez na bebida e minha mãe caiu na depressão: era o inferno dentro de casa... Tudo despencava: meu irmão fez uma "over-dose com 13 anos"!

Pelo desgosto de tudo isso, meu pai chegou a falecer e com a morte do meu pai, na segunda feira do dia 10/6/90, a meio dia, eu também morri e minha vida acabou, porque ele era tudo para mim. Nada mais fazia sentido na minha vida.

Chegou o meu tempo também de estudar à noite e aí comecei a andar com más companhias, fumava cigarro, comecei a beber, logo depois veio a maconha.... Conheci um rapaz que morava ao lado da minha casa, me entreguei de corpo e alma para ele. Fiquei namorando às escondidas, ele me usava todos os dias, pois eu me sentia amada, tamanha era a carência, mas meu irmão mais velho descobriu, quase me matou (eu estava com 12 anos) e colocou ele a para correr do bairro.

Aí veio a suspeita de estar grávida e minha mãe me mandou para a casa de uma tia. Lá fiquei por uns dois meses fazendo exames. Nesse tempo conheci a cocaína (com 12 anos!) através de uma prima que ninguém dava nada. Ela fazia programas com os grandes da classe média e faturava muito dinheiro. Comecei a sair para fazer programas (ainda criança) com ela e a cheirar muito. Logo depois tive que voltar para casa, mas não era a mesma coisa, todos os dias me jogavam na cara tudo o que havia feito, resolvi sair de casa pela primeira vez e morar com algumas amigas.

Lá me envolvi com vários traficantes e fiquei muito conhecida, levava vários quilos de droga para todos os bairros e, como consequência, ganhava muito dinheiro, mas era só para farra... Rapidamente fiquei marcada pela polícia pelo tráfico de drogas. Resolvi pedir ajuda para minha mãe. Ela aceitou, coitada, ela não sabia que eu usava droga às escondidas e muitas vezes roubava o que tinha em casa, não me continha.

Comecei a sair para bailes funk com 14 anos. Fiquei com um rapaz que era dono de uma 'boca' perto de minha casa. Mas, sua namorada descobriu e arrumou uma cilada para mim, com 7 mulheres: me cercaram e me degolaram, ainda hoje tenho



cicatrizes. Acharam que estava morta e foram embora. Meu irmão me socorreu. Tomei 54 pontos por dentro e por fora de meu rosto. Dali para cá, cada vez mais eu ficava revoltada, não conseguia ter paz em nenhum lugar.

Minha mãe cuidou mais uma vez de mim. Fiz uma pequena cirurgia para diminuir a cicatriz porque não suportava olhar em meu rosto, mas na alma a ferida estava ainda bem aberta fiquei revoltada com a vida, nada tinha sentido: desde pequena sendo espancada ou colocada para trabalhar para que os outros tivessem sossego, ninguém que cuidasse de mim...

De repente, procurei um meio de mudar de vida, arrumei um emprego num hospital onde eu me doava muito para aquelas pessoas com câncer. Fiquei por um ano nesse hospital como voluntária, sem ganhar um tostão, era de menor ainda e, por isso mesmo, não permitiram mais que eu fosse voluntária.

Sem algo que desse sentido à minha vida, passei a freqüentar novamente barzinhos e namorar, tinha sonho de casar, mas encontrava pessoas que queria o meu corpo e não o meu amor.

Arrumei outro emprego no hospital Santa Rita de Cássia, lá eu ganhava meu salário, ajudava minha mãe. Comecei a freqüentar a Igreja Universal por um ano, foi quando fiz uma campanha, me tornei parte do grupo de obreiras da igreja. O pastor disse que para obter graças tinha que dar tudo... e eu dei todo dinheiro da minha poupança, 7000 reais, só para ter um vida melhor. Mas foi só ilusão, nada mudou, só piorou!

Resolvi, junto a umas amigas, fazer programas para gringos. Dali para cá só piorava, levava drogas para eles e vendia meu corpo por momentos de prazer. Foi assim que juntei um dinheiro para abrir uma boca de fumo no meu bairro. Meu irmão se aliou a mim, mas logo ficamos "manjados" pela polícia. Tivemos que sair e eu me escondi em outro bairro. Ao voltar parecia que tudo tivesse mudado.

Até o meu irmão... meu Deus, que lembrança terrível: enquanto estávamos cheirando... ele me violentou... Meu pai! Foi o fim para mim! Até hoje eu me pergunto por que... por que eu sofri tanto?

Falei com minha mãe e ela me chamou de louca. Resolvi dar um tempo longe de casa, estava muito machucada interiormente. Decidi esquecer até mesmo minha família.

Nesse tempo eu comecei a cheirar muito, sem controle e a beber, já estava perdendo o respeito de todos, fiquei destruída, até meus cabelos eu vendi para sustentar a droga.

Mas, após alguns meses, cansada de sofrer, resolvi pedir ajuda para minha mãe, ela me negou, voltei a falar como meu irmão e abrimos novamente uma boca de fumo, onde ele morava. Mas, não durou muito, acabaram matando ele. Fiquei muito revoltada, pois ele havia deixado minha sobrinha com um ano de idade. Jurei vingar sua morte. Como o mal é sujo: eu estava revoltada com ele, mas não bastante para sair dessa vontade de sangue!

Após um ano fui morar num bairro muito perigoso com um traficante, era muito considerada por todos. Foi assim que eu vi e reconheci 'Jovaci' (que matou meu irmão) subir o morro. Chamei os irmãos para ajudarem e o colocamos dentro dos pneus e lascamos fogo... Lembro que fumava e bebia enquanto ele morria, também o rolamos de morro abaixo. Nunca pensava de ser capaz de coisas tão baixas. Após este crime, os policiais não dava mais paz e tive que fugir.

Mais uma vez, enganei minha mãe e pedi ajuda dizendo que queria mudar; ela arrumou um clínica e passei por ela quatro vezes: me dopavam com remédios e ficava vários dias sem comer e tomar banho, no efeito do remédio. Enfim, mais uma vez, minha mãe me salvou e me tirou de lá porque teria ficado louca.

Não demorou muito, porém, voltei para o mundo: estava gorda, bonita e resolvi fazer um programa no centro de Vitória. Lá eu conheci vários irmãos que lá viviam, fiquei por um

bom tempo, não tinha coragem de voltar, foi também quando matei mais uma pessoa por causa de droga. Eu havia feito um programa e ganhado um bom dinheiro. Comprei algumas pedras de crack, mas alguém armou para mim roubar: tomei várias facadas mas, pela graça de Deus, sobrevivi. Fui acordar no hospital com minha mãe a meu lado, cuidando de mim. Estava entubada, chorei muito, jurei que se eu sáísse dali mudaria de vida. E Deus me tirou. Depois de uma semana eu já conseguia andar e... resolvi fumar só uma pedra. Quanto é forte o vício e quanto poder tem sobre nós!

Disso veio o ódio por eu estar daquele jeito, toda cortada. Chamei os irmãos do morro e fomos de carro atrás do travesti que me esfaqueou pelas costas. Eu achei que ele não tinha coragem de bater de frente comigo. Infelizmente, o encontramos fumando e ele não lembrou de nada: coloquei uma pedra para ele, que ficou louco, peguei um paralelepípedo e...

Fugimos do local e fomos para debaixo de uma ponte onde ficamos por mais de mês. Lá continuou essa vida louca de morte, assaltos e prostituição. Houve um dia que, do outro lado da rua, no centro de Vitória, vi a mulher que ajudou a me esfaquear. Quando fui atravessar a rua, veio uma moto e bateu em mim e me lançou na direção de um carro que vinha em alta velocidade. Mais uma vez destruí todo meu rosto e vi a cara da morte, mais uma vez vi o desespero dentro de um hospital, com as lágrimas de minha mãe dizendo que estava cansada de me ver sofrendo e que preferia morrer do que me ver naquela situação. Jurei que nunca mais usaria droga e que a faria sofrer.

Tive alta e fui para casa, durou quatro meses para me recuperar e voltar a andar e a comer direito.

Com o tempo, eu achei que poderia ser normal a minha vida, coloquei um aparelho, arrumei um emprego.

Conheci Vanderlan, o único homem que me fez largar tudo, pois eu o amava por demais. Ficamos juntos dois anos e meio, ele foi o único em minha vida que amei, mas ele me traiu. Peguei ele com minha prima em cima de minha cama. Fiquei cega. Peguei sua própria arma e dei vários tiros e dois em minha prima. Mas, não morreram e ele jurou me matar, tive que sair do bairro, pois já não tinha paz. Fui morar no Forte São João, onde eu conheci vários assaltantes de banco e casas lotéricas. Comecei a assaltar com eles, mas só para ir, tudo estava sendo ilusão. Desejava mudar, ter minha casa, trabalhar. Com o tempo, conheci o Paulo, foi o único homem que me respeitou e ainda espera por mim. Ele não entende o que Deus está fazendo na minha vida,

não entende que Deus se tornou o meu verdadeiro "marido". Apesar de tudo, esse homem mudou toda a minha trajetória. Ficamos juntos em meio a tantos sofrimentos por quatro anos, mas eu não o amava, traia ele com seus amigos, eu tinha sede de um outro tipo de amor... quantas vezes mobiliou a nossa casa, eu vendia tudo para usar droga, eu queria me consumir usando droga, nada mais tinha

sentido para mim. Quanto sofrimento eu trazia para ele, mas hoje eu o vejo como meu anjo, que me mostrou o caminho do Senhor, ele foi a minha luz. Ele me impulsionou a procurar a Missão. Consegui e fui para São Paulo, através de uma mulher evangélica, que pagou a minha passagem...

No início foi muito duro, nunca tinha rezado um terço na minha vida. Sobre tudo, não queria deixar Deus entrar em mim. Lembro que corri atrás da coordenadora com um facão querendo matá-la. Com 22 dias ainda não havia entrado na capela! Tinha, na casa uma irmã com problemas, mas ela lutava para ser de Deus e me disse: "Quem vai mudar teu coração é Maria, se você não rezar pelo menos uma Ave Maria de coração, nada mudará em sua vida!". Ela sempre insistia: "Vai para a capela, Jesus está lá" e eu respondia: "Jesus está em todo lugar...". Eu era muito birrenta! Ela abria a porta da capela e me mostrava o sacrário. Eu respondia: "Aquele caixinha..." e zoava, ria... "Deixa ele ali quietinho..."

Aprontei muito e, uma vez, me retrocederam do zero. Por 40 dias não pude ligar e nem receber ligações, estava muito triste e ainda mais revoltada.

Chegou o dia que eu estava sem rumo e destruída e sem pensar muito abri a porta daquela capela que tanto zoava. De repente senti uma coisa que mexeu muito comigo, que não sei explicar, algo me puxou para dentro daquela capela. Não me lembro de ter dado um passo, mas me encontrei de joelho na frente daquela caixa que mal sabia quem estava lá dentro. Chorava muito e, nesse dia, não sei porque me deitei mesmo na frente do sacrário, me entreguei. Por isso que tenho essa palavra "consagrada". Falei mesmo: "Que, a partir de hoje, a minha vida seja sua!". Depois o meu rosto virou para a imagem de Nossa Senhora e rezei a minha primeira Ave Maria de coração mesmo. De repente, o telefone tocou. Quem era? A minha mãe! Que me ligava depois de 40 dias, mesmo naquele momento que eu me entreguei e rezei uma Ave Maria de coração! Mas o que eu estava sentindo dentro daquela capela era tão forte que não queria sair para atender o telefone... Era a primeira vez que eu entrava em uma capela, a primeira vez que eu sentia algo que para mim era de outro mundo. A partir daquele dia tudo mudou totalmente e me lembrei que certa vez, um mendigo de rua se aproximou de mim, do nada, me olhou e disse "... você ainda irá girar o mundo pregando a minha palavra!"

Hoje estou há um ano e seis meses na Missão. Eu mesma me assusto por como mudei. Outro dia me vi puxando uma carroça de verdura ganhada na feira... quem diria? Eu tão orgulhosa, puxando uma carroça, em São Paulo. Eu só queria vir para São Paulo para assaltar bancos... Hoje, em meu coração mi sinto uma consagrada a Deus, pois nele encontrei aquele amor que tanto procurava.

É algo que não sei explicar, parece que explode dentro de mim. O que eu encontrei aqui não encontrou em nenhum outro lugar, alguém dar a vida por mim!

Agradeço a Deus porque Ele revirou e revira a cada minuto a minha vida: me usa para restaurar seus filhos perdidos igual eu. Por cada vida que eu tirei... hoje posso resgatar alguém, salvar alguém. Por cada família que destruí... hoje posso restaurar e reconstruir. Por cada filho que nunca tive, Deus me confiou 100 aqui para cuidar! Parece que eu nasci de novo. Tenho um ano e meio de vida!

Hoje, sou muito feliz por tudo que o Senhor fez em minha vida e está fazendo em minha família. Minha mãe era espírita, nunca aceitou até mesmo falar de Maria. Na última carta que me escreveu, ela pede que Maria "me gere em seu ventre e que me cubra com o seu manto sagrado"!

Hoje posso dizer que, através do nosso sim, grandes graças e grandes milagres podem acontecer e o maior que eu peço a Maria é que me ajuda a chegar até o fim.